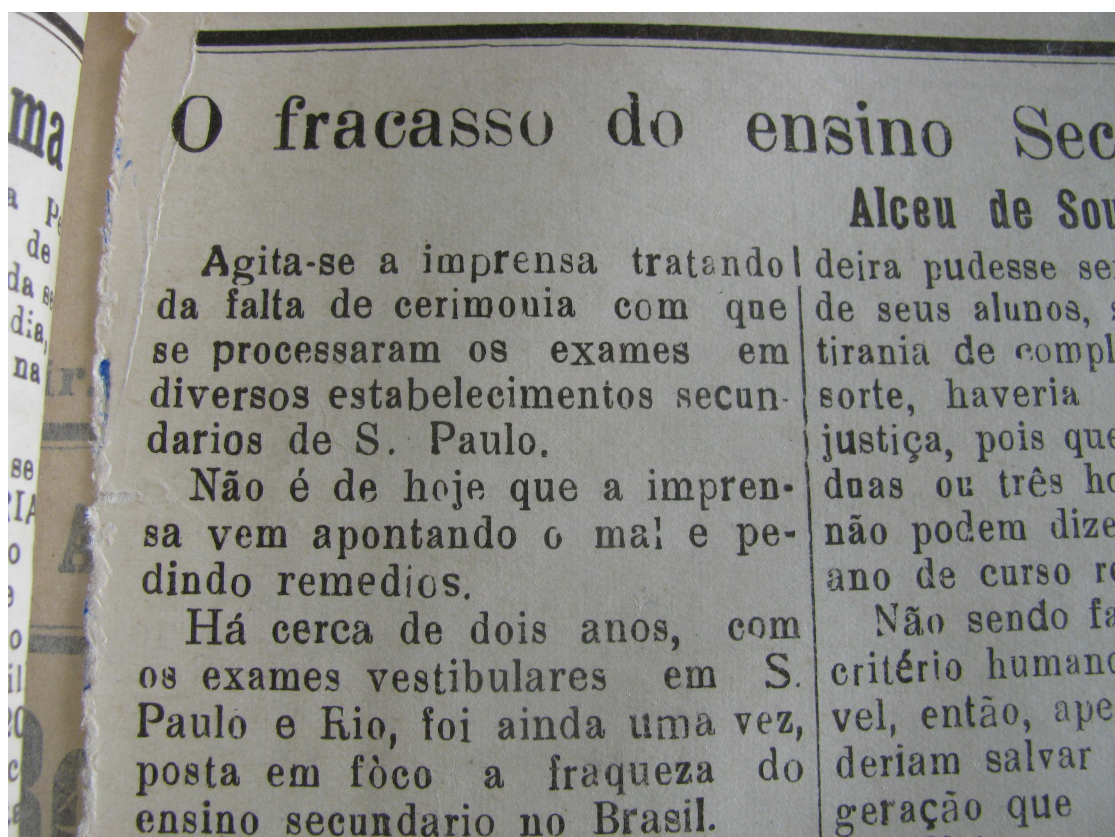
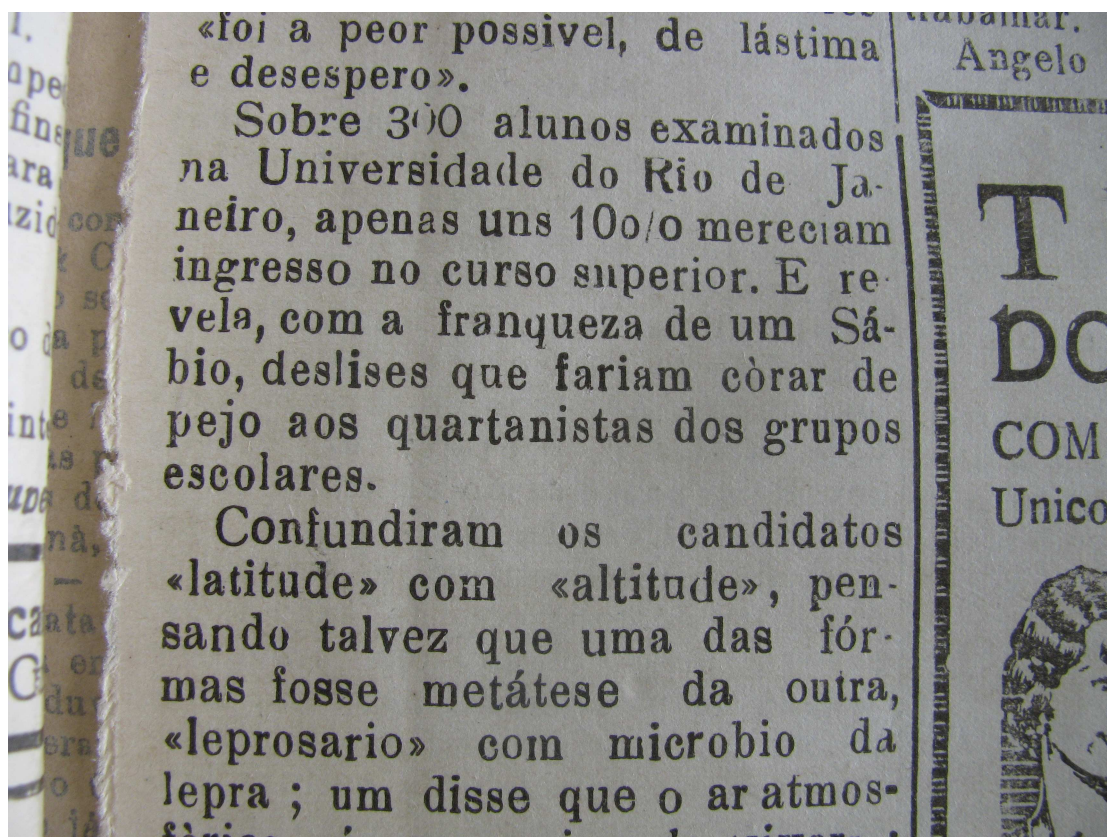
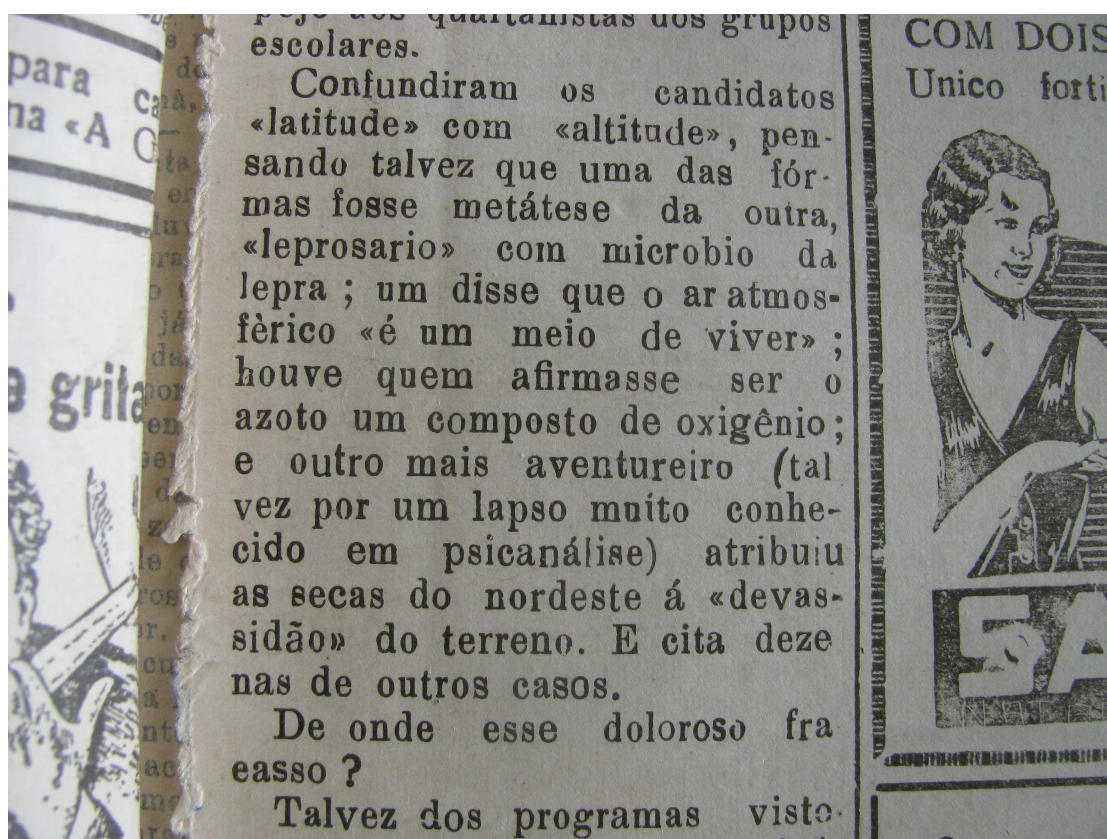




Fonte Jornal A Tribuna 15 de janeiro de 1939

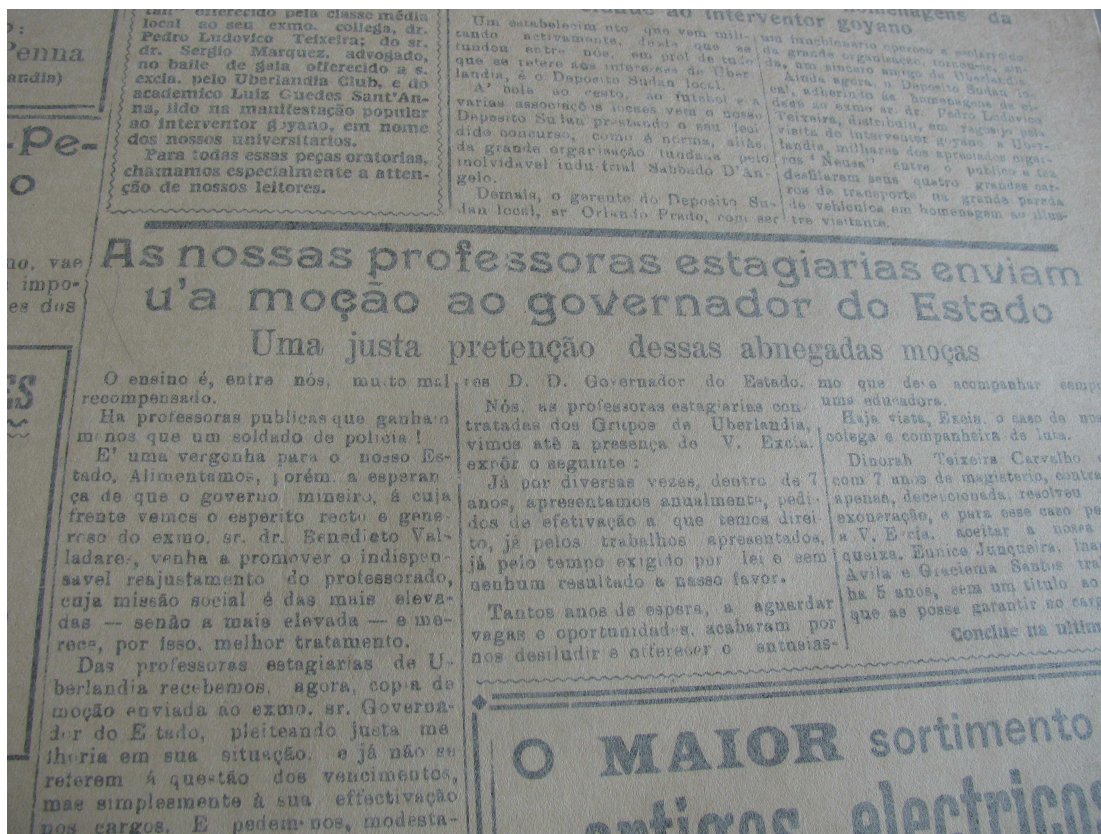


Fonte Jornal A Tribuna 15 de janeiro de 1939



Fonte Jornal A Tribuna 15 de janeiro de 1939

Relacionado às críticas tecidas pelo jornal quanto aos precários níveis de aprendizagem dos alunos ingressantes no ensino superior no Brasil, verificamos, também, a existência de postura de denúncia das condições de trabalho das professoras estagiárias. É assim que se denunciam as precárias condições de trabalho das referidas professoras, demonstrando serem os seus salários mais baixos do que os dos policiais e soldados. O que se discute, para além dos próprios salários, é a construção de políticas públicas que permitam a efetivação das professoras nos cargos garantindo a qualidade do ensino em Uberlândia.



Fonte Jornal A Tribuna 13 de abril de 1939

O Jornal apresentou também uma discussão sobre as relações existentes entre a educação e a tecnologia enaltecendo a importância da formação acadêmica voltada ao exercício da profissão. As fontes investigadas demonstravam a existência do otimismo tecnológico como pressuposto para a consolidação do princípio de progresso em um país.

O otimismo ali demonstrado nos permite realizar um contraponto a essa concepção dialogando com a crítica marxiana à maquinaria expressa pelo conceito de trabalho ao qual debatemos anteriormente.

Lucena (2004) se apropriando do pensamento de Marx entende que é o trabalho que torna o homem um ser social, aquele que através da produção e reprodução diferencia os homens dos animais, permitindo que o homem seja social. Os homens através do trabalho constroem laços que estão presentes na reprodução da sua própria existência, sendo que parte importante da sua vida social depende do ato laborativo. O trabalho é uma forma de existência exclusivamente humana.

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e

controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural como uma forma útil para a sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio. Não se trata aqui das primeiras formas instintivas, animais, de trabalho. O estado em que o trabalhador se apresenta no mercado como vendedor de sua própria força de trabalho deixou para o fundo dos tempos primitivos o estado em que o trabalho humano não se desfez ainda de sua primeira forma instintiva. Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção do favo de suas colméias. Mas, o que distingue de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo na cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto idealmente. Ele não apenas efetuou uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar a sua vontade. (Marx, 1985: pp. 149-150)

Engels (1987 in Lucena, 2004) discute o trabalho como um mecanismo de humanização que foi inerente à evolução das formas mais primitivas dos homens até os dias atuais. Com a sociedade de classes, o avanço na produção passou a ser, ao mesmo tempo, o retrocesso daqueles que não detêm os meios de produção. Esta afirmação se comprova com a implementação da maquinaria, cujos efeitos são sentidos de modo crescente até a atualidade. Se entre os bárbaros era difícil estabelecer as diferenças entre os direitos e os deveres, com a civilização esta relação transformou-se. À classe que deteve os meios de produção foram atribuídos todos os direitos e à imensa maioria da população quase todos os deveres. Com efeito, os homens deveriam desaprender o que haviam aprendido através de milênios de história, aproximando-se, eles mesmos, dos animais, através de um trabalho irracional, onde não mais se enxergariam naquilo que produziam. A ascensão da maquinaria foi o pilar do revolucionar das condições sociais de todo o planeta, definindo a concentração da riqueza nas mãos de uma minoria em detrimento da miséria da maioria. Fruto dessa contradição e com o desenvolvimento de um processo de luta de classes, a própria essência do trabalho do homem modificou-se.

De acordo com Mello (1999 citado por Lucena 2004), o advento da máquina foi a resposta concreta, a versão melhor elaborada e o maior testemunho para o fato de que o trabalho organizado em padrões manuais já não mais satisfazia às exigências do desenvolvimento do mercado. A indústria moderna repousa no instrumental de trabalho, na transferência da operação produtiva das mãos dos homens para as máquinas (máquina ferramenta), potencializando o grau de intensificação da força produtiva do trabalho. A invenção da máquina a vapor não provocou nenhuma revolução industrial. Foi a invenção da máquina ferramenta que revolucionou a produção e toda a vida social.

Marx afirma em “O Capital” que por meio do trabalho no capitalismo, a ciência é posta na máquina, mas, ao mesmo tempo, está fora da consciência do homem, porque o mesmo não mais está na posição inicial do trabalho. Em outras palavras, com o trabalho artesanal o homem possuía a liberdade de transformar a natureza produzindo coisas úteis, era ele quem tomava as decisões, que possuía o saber tecnológico de transformar a matéria prima. Com as máquinas essa relação se transforma, pois os homens já não têm mais possibilidade de decidir aquilo que vai ser produzido, visto que passam a ser simplesmente uma parte integrante de uma máquina. Eles não têm capacidade decisória, mas sim, atuam como uma mera mercadoria, fruto da venda de sua força de trabalho.

Para Lucena (2004) a maquinaria manifesta contradições. Por um lado, elevou a produção capitalista melhorando o nível de vida de uma parcela da sociedade europeia na virada do século, posição essa enaltecida pelo pensamento educacional existente no Triângulo Mineiro como similar aos pressupostos de progresso científico e tecnológico de uma nação. Por outro lado, contribuiu para o empobrecimento intelectual dos homens. Produziu mercadorias que propiciaram uma maior comodidade àqueles que a podiam adquirir e, ao mesmo tempo, assassinou trabalhadores no cotidiano fabril dado aos altos índices de mortalidade e acidentes do trabalho.

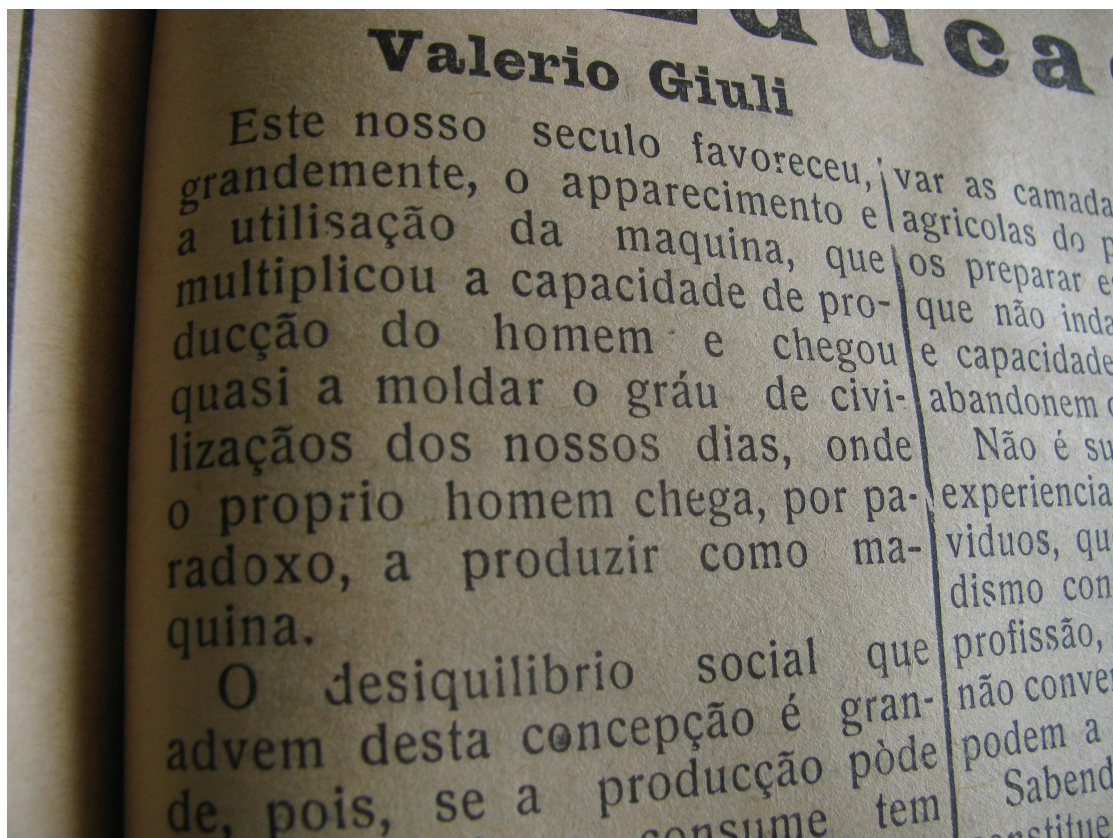
[...] com o desenvolvimento da maquinaria as condições e trabalho também surgem como dominando o trabalho do ponto de vista tecnológico, e ao mesmo tempo o substituem, oprimem-no, torna-o supérfluo em suas formas autônomas. Nesse processo, no qual as características sociais do trabalho se contrapõem aos operários de

maneira, por assim dizer, capitalizada - tal como, por exemplo, na maquinaria os produtos visíveis do trabalho aparecem como dominantes deste -, ocorre o mesmo com as forças naturais e a ciência - o produto do desenvolvimento histórico geral em sua quintessência abstrata - que lhes opõem como potências do capital. De fato, separam-se da habilidade e do saber do operário individual, e, ainda que observadas em sua origem sejam, por sua vez, produto do trabalho, surgem em toda a ocasião em que ingressam no processo de trabalho, como incorporadas ao capital. O capitalista que utiliza a máquina não precisa compreendê-la. (Ver Ure)³⁶. Mas, na máquina, a ciência realizada apresenta-se ante os operários como capital. Na realidade, toda essa utilização - fundada no trabalho social - da ciência, das formas naturais e dos produtos do trabalho em grandes quantidades, não surge ante o trabalho senão como meios de exploração do trabalho, como meios de se apropriar do trabalho excedente, e, portanto, como forças pertencentes ao capital. O capital, naturalmente, só utiliza esses meios para explorar o trabalho; mas para explorá-lo tem que aplicá-los à produção. E desse modo, o desenvolvimento das forças produtivas sociais do trabalho e as condições desse desenvolvimento apresentam-se como obra do capital, ante as quais não só o operário individual se conduz passivamente, mas que agem em oposição a ele. (Marx, 1978: pp. 86-87)

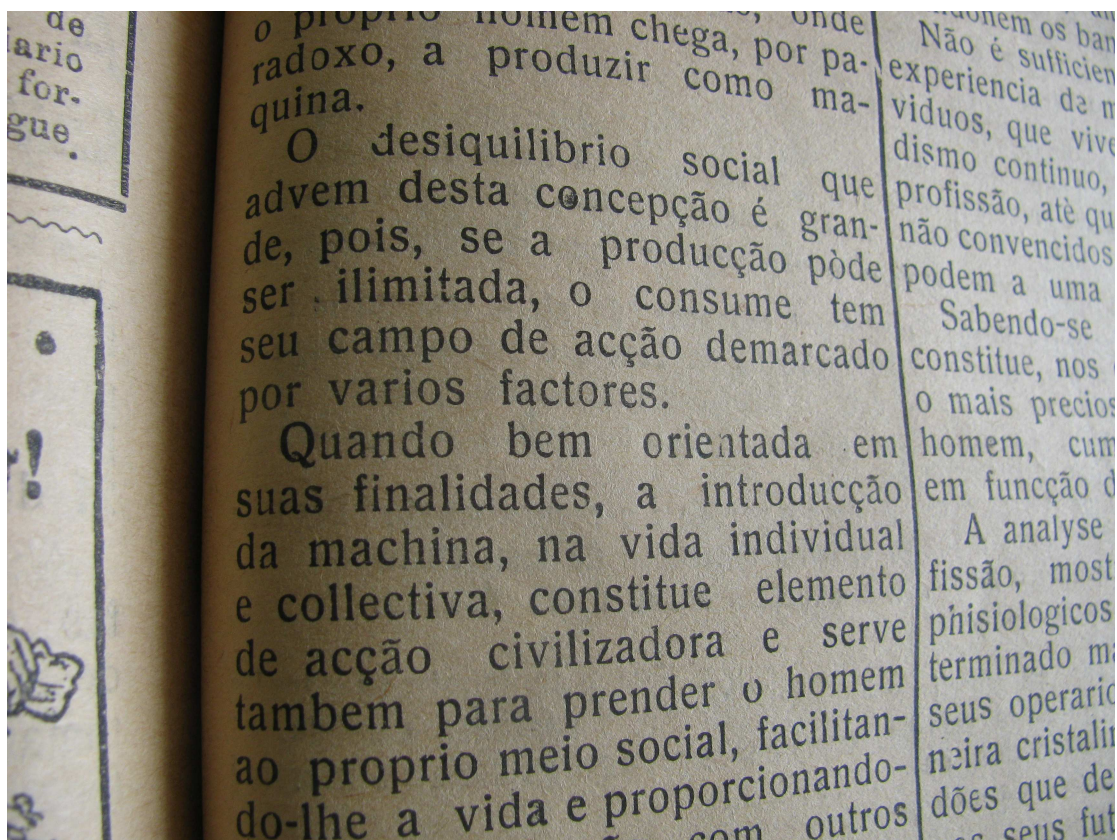
De acordo com Mello (1999 citado por Lucena 2004), a máquina tornou-se, paulatinamente, aquela que sob o domínio da burguesia, determina os movimentos da produção. O trabalho e o mercado passam a ser dominados pela lógica da produção em larga escala. Mello (1999) afirma que se antes, como no período manufatureiro, era a procura que determinava a oferta (o mercado mundial que impulsionava a produção), agora, forçada pelos próprios instrumentos disponíveis a produzir em grandes quantidades, a grande indústria já não mais poderia sujeitar-se às seduções unilaterais do mercado. Com a revolução industrial, a produção passou a comandar a circulação como sua própria condição. A partir de então, não apenas o processo produtivo está constituído enquanto momento do processo de circulação, como, dialeticamente, a circulação se transforma, ela própria, num momento intrínseco ao processo de produção tomado em sua totalidade.

Essas concepções marxianas não eram entendidas pelos atores da região que manifestavam suas ideias pela imprensa, até porque, a região era dotada de extremo conservadorismo indo de encontro às teses do progresso relacionadas dialeticamente ao determinismo tecnológico como pressuposto de avanço de uma sociedade.

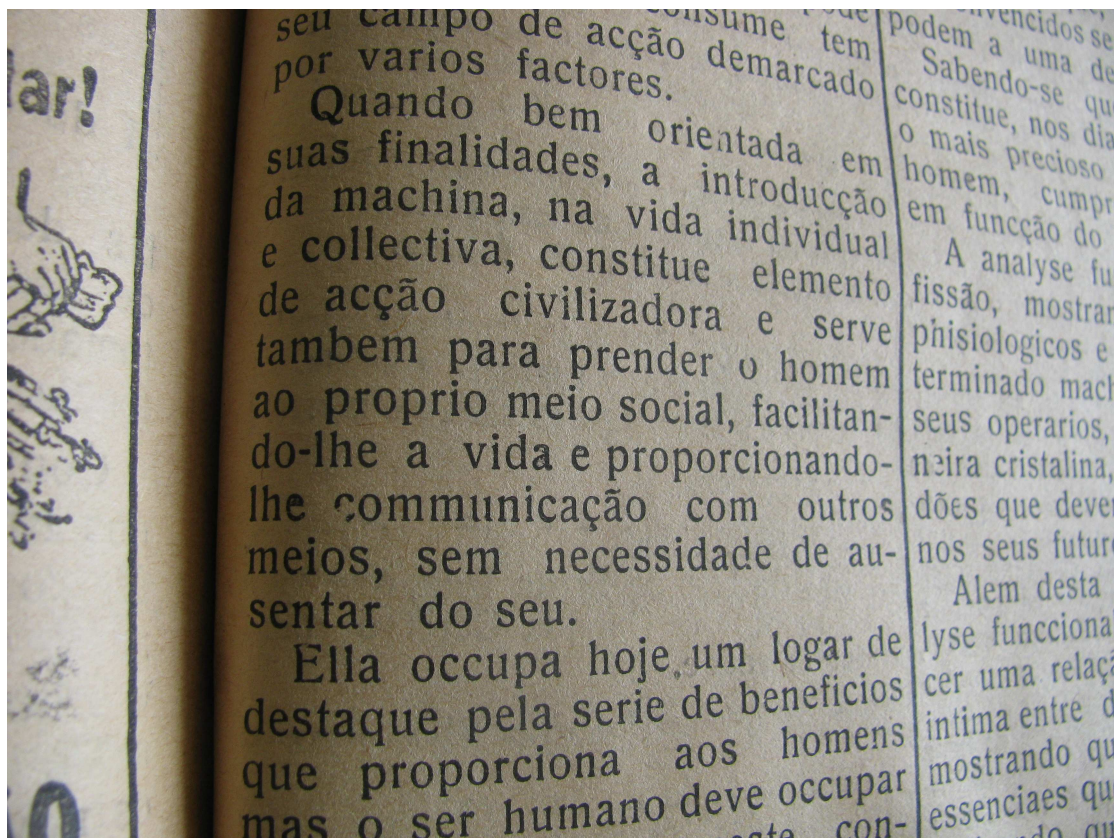
³⁶ Observação de Marx.



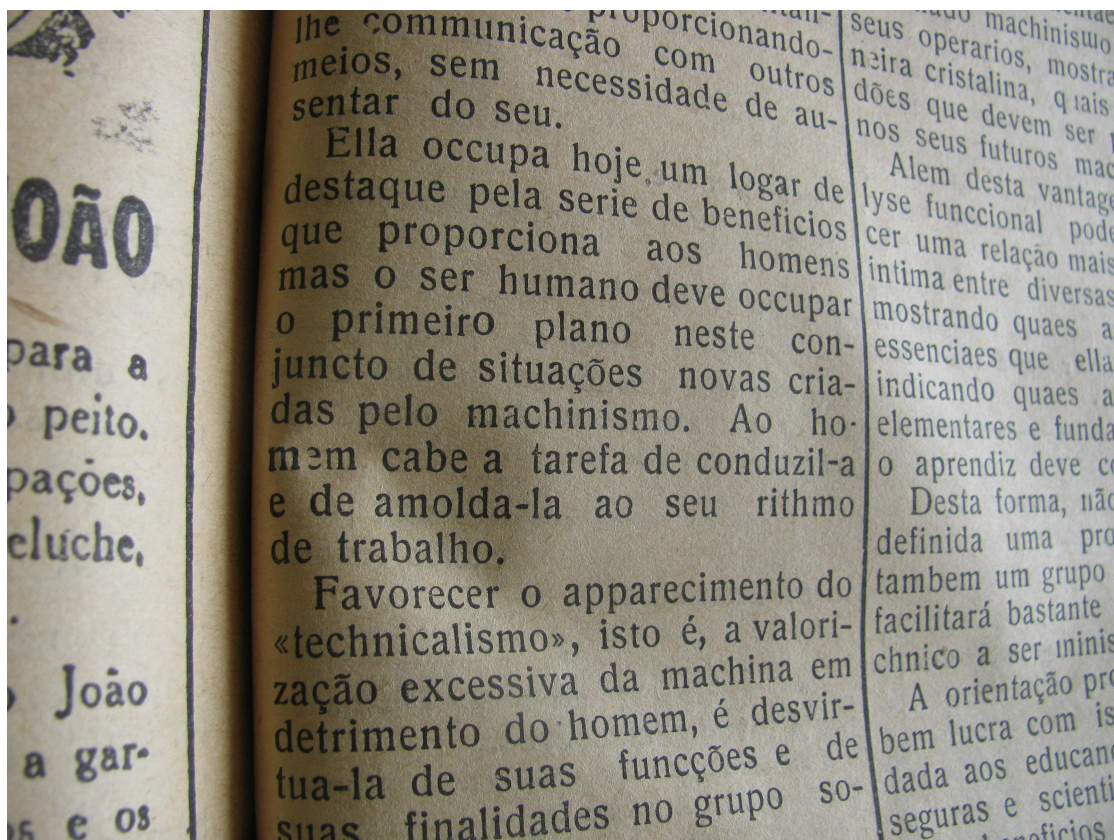
Fonte Jornal A Tribuna 01 de dezembro de 1940



Fonte Jornal A Tribuna 01 de dezembro de 1940



Fonte Jornal A Tribuna 01 de dezembro de 1940



Fonte Jornal A Tribuna 01 de dezembro de 1940

o mais precioso colaborador do homem, cumpre-nos estudá-la em função do próprio homem.

A analyse funcçional da profissão, mostrando os aspectos phisiologicos e mentaes que determinado machinismo exige dos seus operarios, mostra de maneira cristalina, quais as aptidões que devem ser procuradas nos seus futuros machinistas.

Alem desta vantagem, a analyse funcçional pode estabelecer uma relação mais ou menos íntima entre diversas profissões,

Fonte Jornal A Tribuna 01 de dezembro de 1940

elementares e fundamentaes que o aprendiz deve conhecer.

Desta forma, não só fica bem definida uma profissão, como também um grupo dellas, o que facilitará bastante o ensino tecnico a ser ministrado.

A orientação profissional também lucra com isto, pois será dada aos educandos com bases seguras e scientificas.

Os beneficios vão alem. Os estabelecimentos de ensino que funcionarão junto ás industrias,

Fonte Jornal A Tribuna 01 de dezembro de 1940

4.3 – Jornal “Lavoura e Comércio”

O Jornal "Lavoura e Comércio", de Uberaba, também, produziu um conjunto de notícias referentes à educação. Suas preocupações se davam em torno da importância da educação para a sociedade, ressaltando direitos civis e possibilidades de ascensão social.

O liberalismo influenciou algumas de suas posições políticas referentes como deveria ser a estrutura educacional. Este jornal polemizava com os pressupostos políticos católicos divergindo, também, de sua concepção educacional.

A sua posição política sobre a adoção do processo de coeducação nas escolas referente ao ensino de homens e mulheres exemplifica esta afirmação. Em posição distinta ao catolicismo, críticos ao fenômeno da coeducação, defendia essa iniciativa como sinônimo de avanço social e potencialidade de aprendizagem educacional.

Entendia que homens e mulheres não nasceram para viver sozinhos e sua convivência na sociedade era um processo natural a ser estendido para as escolas. Isso implicava em entender a escola como um processo voltado para a educação para a vida. Uma educação que respeitaria as singularidades, desconsiderando, tal qual entendia o pensamento positivista, uma formação para a vida voltada para o controle social.

A Escola Nova influenciou diretamente os pressupostos expressos no jornal. John Dewey (1979) em “Democracia e Educação” analisou os pressupostos de preparação do homem pela escola para a vida. Quando a escola atingir a este objetivo, com certeza, entende Dewey, será mais harmoniosa, bela e digna de existência.

Dewey (1979) entende que a educação consiste na continuidade da vida em sociedade. Essa afirmação remete ao conceito de experiência. A educação relacionada com a experiência consiste na transmissão para as gerações atuais das experiências dos grupos humanos que o precederam, apontando formas de pensar e sentir o mundo voltado à construção da humanidade em toda sua expressão. Esse é um movimento expresso pela educação que possibilita aos homens a busca daquilo que podem possuir em comum, ou seja, o conhecimento.

Para Dewey (1979) a sobrevivência do homem em um meio social coloca a necessidade de ele refletir sobre suas ações e atitudes. Com efeito, a educação formal é central em seu pensamento. A educação formal é entendida como responsabilidade das escolas, fornecendo as bases para a formação humana em base integral. A educação formal é a base em que se transmite todo o conhecimento humano posto em livros e outros instrumentos manifesto pela experiência construída pela sociedade. A sobrevivência humana tem como pressuposto a ação do pensamento inteligente do homem.

É nesse sentido que a centralidade da comunicação merece destaque.

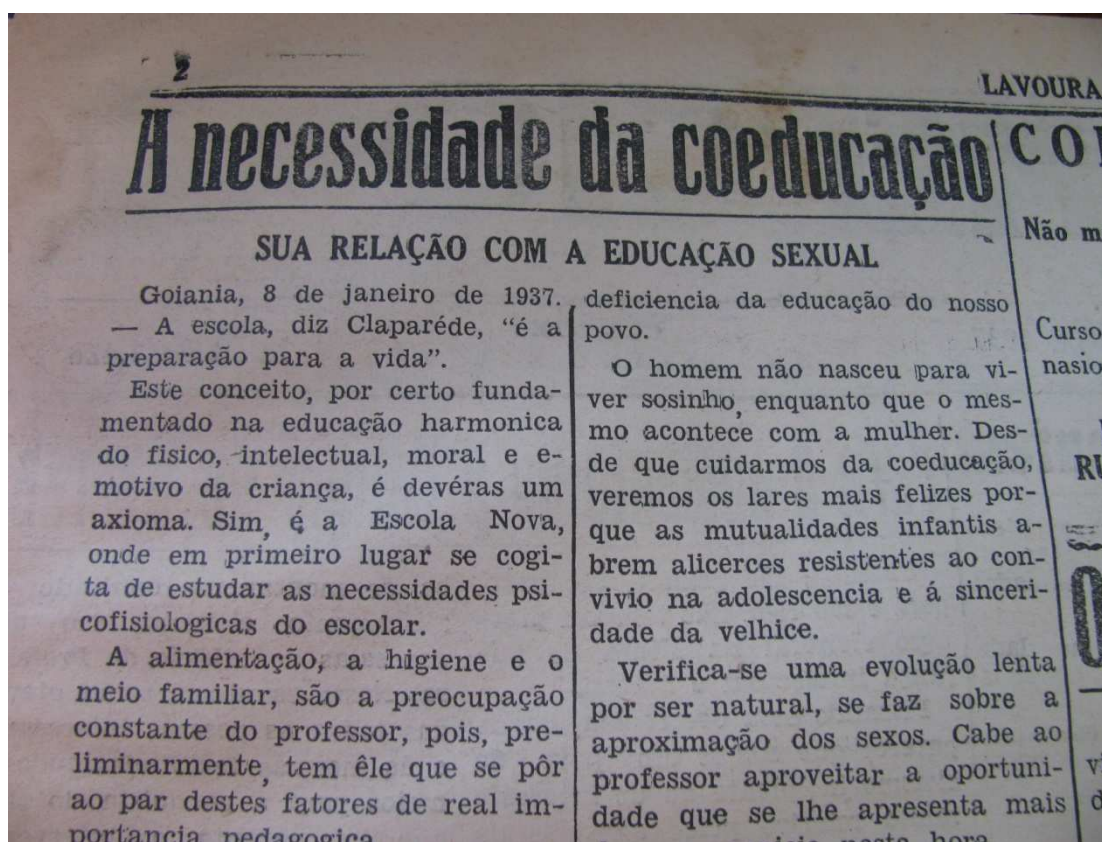
Deve, portanto, respeitar as normas de uma sociedade que crê ter como único inimigo os obstáculos à livre comunicação. Por meio da comunicação, o homem é capaz de aprimorar o seu conhecimento e de compartilhar dos problemas da comunidade. Este é um dos aspectos que caracterizam a educação como um processo de interação entre as pessoas. Como o próprio Dewey afirma, a educação não se restringe ao aspecto intelectual; abrange também a formação de atitudes práticas de eficiência, o fortalecimento e desenvolvimento de disposições morais, o cultivo de apreciações estéticas. O processo educativo abrange todos os aspectos da vida humana. É por meio da educação que o indivíduo pode participar das experiências do meio. Essa comunhão se dá pelos objetivos, crenças, aspirações e conhecimentos. (<http://analgesi.co.cc/html/t45238.html> acesso dia 11 de junho às 12 horas)

Em oposição às vertentes defensoras de formas pedagógicas tradicionais de ensino, Dewey (1979) entende que a formação intelectual se dá pela troca de experiências de ideias entre os seres humanos.

[...] criança deve associar-se à experiência comum, modificando de acordo com ela seu estímulo interno, e sentindo, como próprio, o sucesso ou o fracasso da atividade. A atividade educativa deve ser sempre entendida como uma libertação de forças, de tendências e de impulsos existentes no indivíduo e por ele mesmo trabalhado e exercitado e, portanto, dirigido, porque sem direção eles não se poderiam exercitar. Em geral, o próprio estímulo traz já um elemento de direção e orientação da atividade. Se para Dewey a educação é um fenômeno direto da vida, a contínua reorganização e reconstrução da experiência, pela reflexão, constitui o elemento característico da vida humana, desde que emergiu do nível puramente animal para o nível mental ou espiritual consciente. Essa contínua reconstrução tem por finalidade melhorar pela inteligência a qualidade da experiência humana. [...] Por isso se pode dizer que a educação é a própria vida, e como reconstrução da experiência, ela deve se empenhar em aumentar cada vez mais o conteúdo e a significação social da experiência e a desenvolver a capacidade dos indivíduos para agir como agentes conscientes dessa reorganização. [...] A educação é o verdadeiro instrumento do qual John Dewey se utiliza para provocar mais crescimento e mais aperfeiçoamento, pois é justamente nesse sentido

que o autor considera educação como vida, por entender que viver é desenvolver-se, é crescer, uma vez que vida e desenvolvimento não estão subordinados a nenhuma outra finalidade, a não ser mais vida e mais crescimento. (<http://analgesi.co.cc/html/t45238.html> acesso dia 11 de junho às 12 horas)

Esses são pressupostos que sustentam as reflexões sobre a coeducação existentes no jornal. A defesa da educação sexual, a referência aos escoteiros como forma social de organização humana dão pistas da influência dos pressupostos do Rotary Club, influenciados pelo pensamento liberal.



Fonte: Jornal Lavoura e Comércio 15/01/1937

axioma. Sim, é a Escola Nova, onde em primeiro lugar se cogita de estudar as necessidades psicofisiológicas do escolar.

A alimentação, a higiene e o meio familiar, são a preocupação constante do professor, pois, preliminarmente, tem êle que se pôr ao par destes fatores de real importância pedagógica.

E a escola, sendo, como já disse, "sociedade em esboço", por treinar a criança para a vida, tem que solicitar os alunos, torna-los unidos, capazes de colaborar. Os Clubes Agrícolas, esportismo, se prestam, para isto, co-

veremos os lar
que as mutu
brem alicerce
vívio na ado
dade da vel

Verifica-s
por ser na
aproximaç
professor
dade que
do que

Outro
treita r
é a edu

Fund
querqu
do est
dos o

Fonte: Jornal Lavoura e Comércio 15/01/1937

nhos estreitos, tendo o seu horizonte fechado pelo circulo estreito das montanhas.

Os fatores para a aproximação dos sexos devem ser estudados com desvelo, começando pelos pais, e, naturalmente, sempre se entrelaçando á educação sexual.

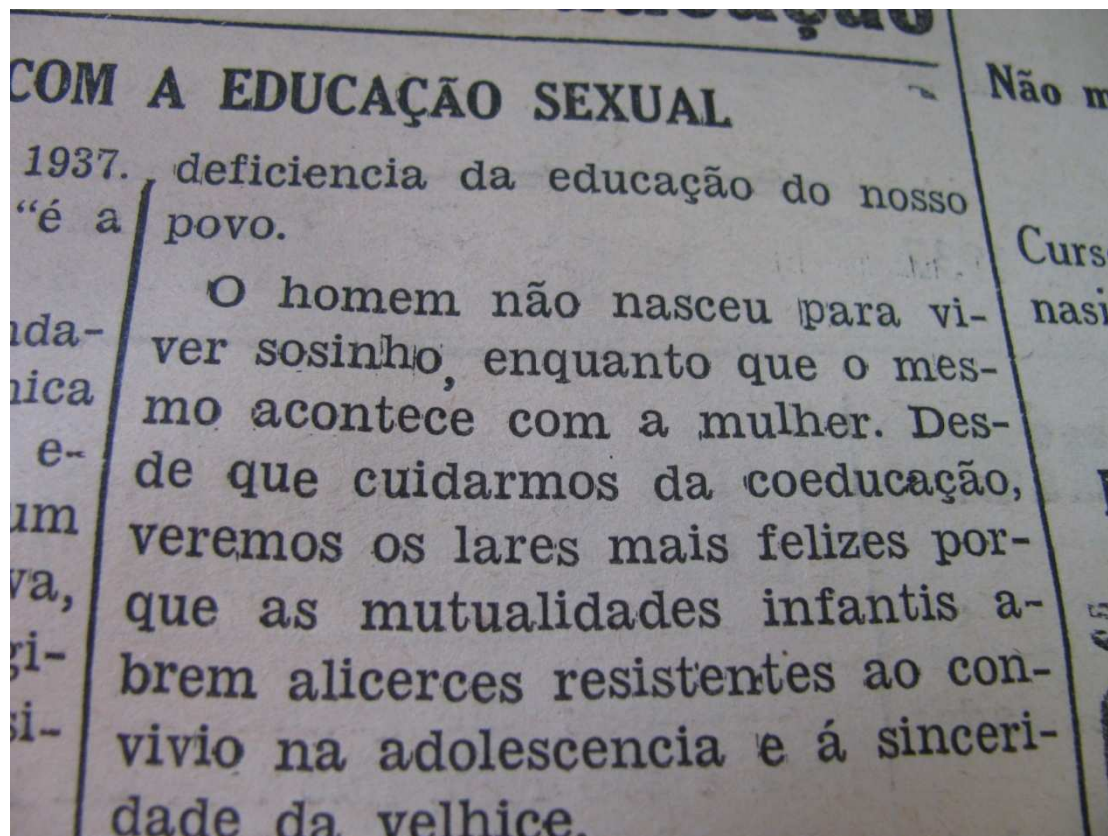
Infelizmente, isto não se está verificando. Os pais e professores displicentemente deixam á margem este problema de suma importância, acontecendo que na sociedade atual, registram-se inúmeros casos de crimes, anomalias,

as aulas do p
procurar a
ções vitais d
vendo semp
espirituais p
brasileiro e,
tizar, educa
maneira a
luta pela v

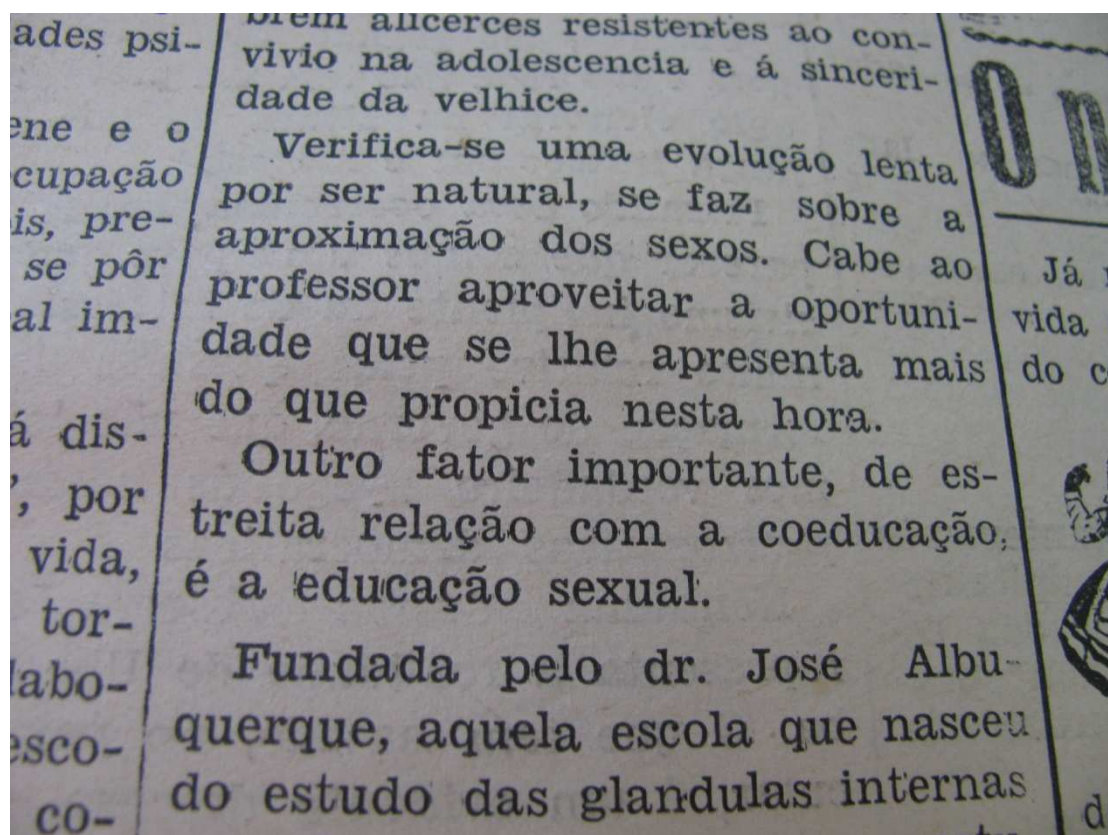
Para baix
separam os

E o profe
ducação e
educação se
que não ed

Fonte: Jornal Lavoura e Comércio 15/01/1937



Fonte: Jornal Lavoura e Comércio 15/01/1937



Fonte: Jornal Lavoura e Comércio 15/01/1937

Precisamos, para este mister, afastar às sombras do esquecimento, os preconceitos sociais, esses cancros que, interceptando necessidades biológicas, procuram levar aos pouco estudiosos, uma interpretação errônea, sinão antagonica da significação matematica do termo.

O professorado brasileiro precisa receber com agradecimento as aulas do professor Alburquerque, procurar a melhoria das condições vitais do seu aluno, promover materiais e

Fonte: Jornal Lavoura e Comércio 15/01/1937

Para levantar o escolar brasileiro e, ao invés de alfabetizar, educar a nossa criança, de maneira a facilitar-lhe o pão na luta pela vida.

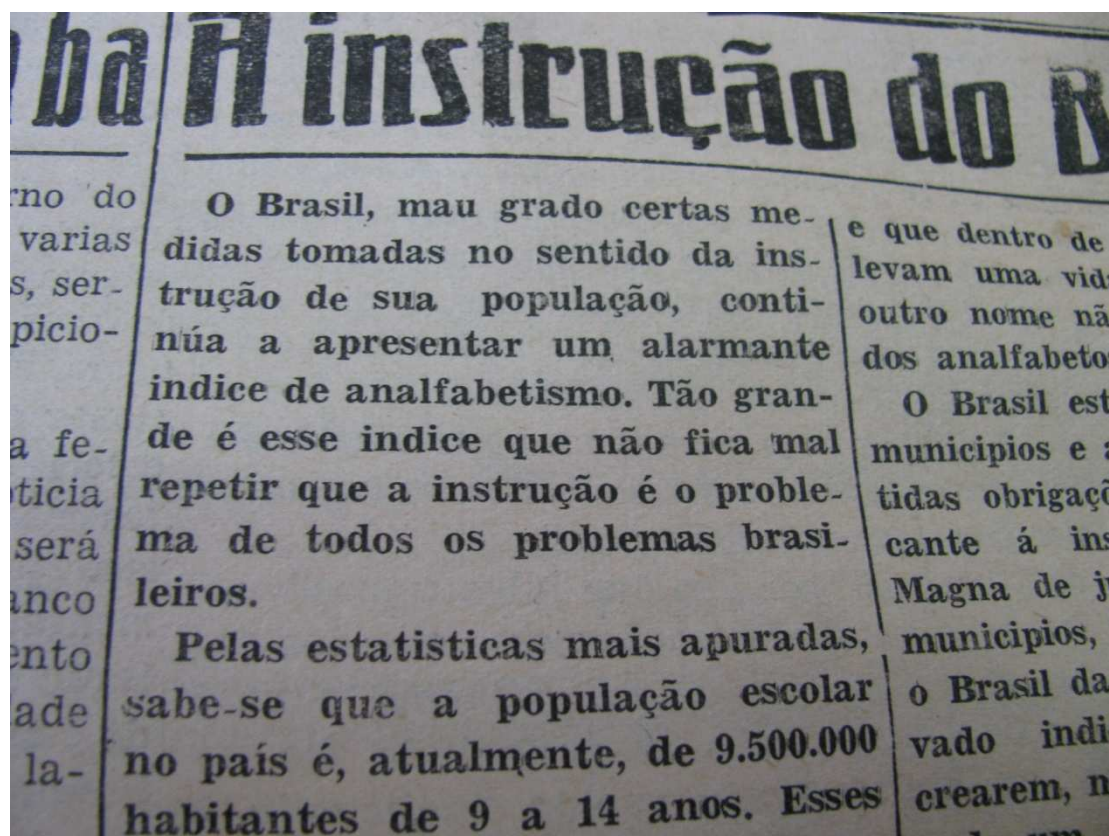
Para baixo, pois, os muros que separam os pateos escolares.

E o professor, descurando da educação e do seu complemento, a educação sexual, pode estar certo, que não educou os seus alunos.

PEDRO OSORIO

Fonte: Jornal Lavoura e Comércio 15/01/1937

O Jornal "Lavoura e Comércio" demonstrou preocupações em torno do acesso à educação dos jovens brasileiros. Ao divulgar os dados estatísticos referentes à educação no Brasil, tecia severas críticas sobre a situação educacional brasileira.



Fonte: Jornal Lavoura e Comércio 05/02/1937

ma fe-
noticia
i será
Banco
mento
idade
a la-
ordi-
rga-
em
As
ta-
ri-
ção

índice de analfabetismo. Tão gran-
de é esse índice que não fica mal
repetir que a instrução é o proble-
ma de todos os problemas brasi-
leiros.

Pelas estatísticas mais apuradas,
sabe-se que a população escolar
no país é, atualmente, de 9.500.000
habitantes de 9 a 14 anos. Esses
numeros, na verdade, não repre-
sentam a realidade. São produtos
de calculos aproximados. Talvez
a população escolar do Brasil se-
ja muito maior.

Pois bem, para iluminar o ce-
rebro desses 9.500.000 de brasileiros
temos apenas um aparelhamen-

dos analfabetos.
O Brasil está
municípios e a e
tidas obrigações
cante á instr
Magna de julh
municípios, ne
o Brasil da i
vado indice
crearem, nes
cada um, a
mos feito r
4.500 salas
nas, 180.00
feito mui
pacidade
teremos
tirpação

Fonte: Jornal Lavoura e Comércio 05/02/1937

aordi-
orga-
n em
e. As
enta-
Tri-
ção
era-
xa-
se-
rar
am

numeros, na verdade, não repre-
sentam a realidade. São produtos
de calculos aproximados. Talvez
a população escolar do Brasil se-
ja muito maior.

Pois bem, para iluminar o ce-
rebro desses 9.500.000 de brasileiros
temos, apenas, um aparelhamen-
to que dá só para 1.200.000. Ha,
assim, um "deficit" de 7.400.000.
Isso quer dizer que, anualmente,
ficam 7.400.000 brasileiros privados
das luzes da instrução.

Esse enorme contingente repre-
senta um verdadeiro peso morto
que a nacionalidade carrega dos
flancos. São 7.400.000 brasileiros

índice de
crearem, neste ano,
cada um, ainda as
mos feito nesse pa
4.500 salas de aul
nas, 180.000 brasi
feito muito, de
pacidade dos m
teremos feito na
tirpação da m
tismo do Bras
Como se v
mos rudes e
dade de cuid
trução popu
que na soluç
no e povo
mãos dada
mais enco

Fonte: Jornal Lavoura e Comércio 05/02/1937

habitantes de 9 a 14 anos. Esses numeros, na verdade, não representam a realidade. São produtos de calculos aproximados. Talvez a população escolar do Brasil seja muito maior.

Pois bem, para iluminar o cerebro desses 9.500.000 de brasileiros temos, apenas, um aparelhamento que dá só para 1.200.000. Ha, assim, um "deficit" de 7.400.000. Isso quer dizer que, anualmente, ficam 7.400.000 brasileiros privados das luzes da instrução.

Esse enorme contingente representa um verdadeiro peso morto que a nacionalidade carrega dos flancos. São 7.400.000 brasileiros que deixam de trabalhar pelo país

o Brasil da ignominia do seu elevado indice de analfabetismo, crearem, neste ano, mais 3 escolas cada um, ainda assim nada teremos feito nesse particular. Nas 4.500 salas de aulas caberão, nas, 180.000 brasileiros. Teremos feito muito, de acordo com a capacidade dos municipios, mas teremos feito nada em favor da tirpação da mancha do atismo do Brasil.

Como se vê, por esses mos rudes e crueis, temo- dade de cuidar seriamente a trução popular. Tão que na solução do prob- no e povo devem tomar mãos dadas. De out- mais encontraremos êle.

Fonte: Jornal Lavoura e Comércio 05/02/1937

Educação no Brasil

do certas me- ntido da ins- tação, conti- n alarmante o. Tão gran- ão fica mal é o proble- mas brasi-

e que dentro de nossas fronteiras levam uma vida parasitaria, que outro nome não pode ter a vida dos analfabetos.

O Brasil está dividido em 1.500 municipios e a estes foram come- tidas obrigações severas, no to- cante á instrução, pela Carta Magna de julho de 1934. Si tais municipios, no sentido de libertar o Brasil da ignominia do seu ele- vado indice de analfabetismo, crearem, neste ano, mais 3 escolas cada um, ainda assim nada tere-

Fonte: Jornal Lavoura e Comércio 05/02/1937

e que dentro de nossas fronteiras levam uma vida parasitária, que outro nome não pode ter a vida dos analfabetos.

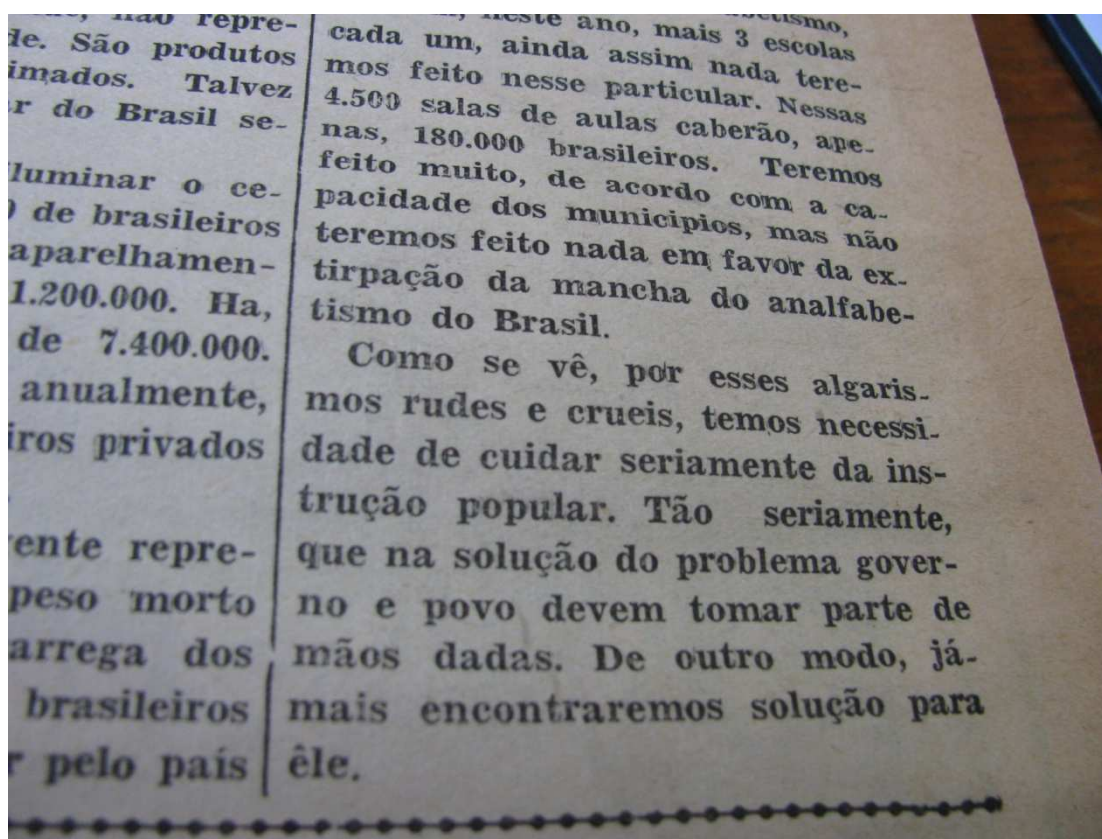
O Brasil está dividido em 1.500 municípios e a estes foram cometidas obrigações severas, no tocante à instrução, pela Carta Magna de julho de 1934. Si tais municípios, no sentido de libertar o Brasil da ignominia do seu elevado índice de analfabetismo, crearem, neste ano, mais 3 escolas cada um, ainda assim nada teremos feito nesse particular. Nessas 4.500 salas de aulas caberão, apenas, 180.000 brasileiros. Teremos feito muito, de acordo com a capacidade dos municípios, mas não teremos feito nada em favor da ex-

Fonte: Jornal Lavoura e Comércio 05/02/1937

teremos feito nada em favor da extirpação da mancha do analfabetismo do Brasil.

Como se vê, por esses algarismos rudes e crueis, temos necessidade de cuidar seriamente da instrução popular. Tão seriamente,

Fonte: Jornal Lavoura e Comércio 05/02/1937



Fonte: Jornal Lavoura e Comércio 05/02/1937

Os dados referentes aos índices de analfabetismo no Brasil iam ao encontro das preocupações presentes na sociedade brasileira; entendendo o analfabetismo como sinônimo de ausência de progresso. É importante ressaltar que os debates aqui apresentados se referem a segmentos das classes dominantes presentes no Triângulo Mineiro, que por mais que tivessem críticas sobre situações existentes no país, as alternativas apresentadas se davam dentro das fronteiras da ordem.

Negar a ordem significava negar a sua própria condição de classe. É por isso que as propostas apresentadas no jornal entendiam que as saídas para os problemas educacionais se davam nas fronteiras da ordem estabelecida, evitando, propriamente dito, um enfrentamento direto com o governo federal. A discussão sobre os problemas brasileiros na educação era utilizada como justificativa para a defesa incondicional da constituição de projetos educacionais voltados para o campo.

Estavam aí lançados os limites do pensamento liberal como desdobramento dos projetos de sociedade que o edificaram. Por mais que seus projetos fossem avançados para o período, suas fronteiras se davam nas

próprias possibilidades de emancipação. O liberalismo foi revolucionário enquanto o capitalismo estava em processo de construção. Sua luta contra o feudalismo e a Igreja é notável e constitui-se um marco na história da humanidade. Da mesma forma, no Brasil, na luta pela abolição da escravidão e proclamação da República.

Contudo, com a instauração do capitalismo no século XX, seguido de um processo crescente de mundialização do capital e globalização da cultura processos estes relacionados à crescente reprodução do capital, as críticas dos liberais passaram do contexto da transformação para a “compreensão” daquilo que o mundo o é. Entendemos que o princípio de “*ser solto da prisão sem sair de dentro dela*” exemplo utilizado pela Igreja Católica para satirizar a liberdade no comunismo, caberia aos próprios liberais. Como bem afirma Marx em “A ideologia alemã” na 11ª tese contra Feuerbach: Os filósofos têm interpretado o mundo de maneiras diferentes, a questão é transformá-lo.

Tanto é que a análise das fontes referentes ao jornal em questão manifestou nítido apoio das classes dominantes locais a Gustavo Capanema e suas iniciativas educacionais. Da mesma forma dos outros jornais apresentados, a defesa da educação rural como fenômeno de construção de uma identidade nacional conservadora também era realizada.

Essa afirmação deve ser elucidada visando não confundir os leitores. Apesar do apego às concepções de Capanema voltadas ao dualismo educacional manifesto por uma proposta de educação no campo que garantisse as fronteiras nacionais, visto que em regiões mais distantes dos grandes centros decisórios brasileiros as escolas eram dominadas por professores imigrantes e estrangeiros, alguns pressupostos liberais não foram abandonados.

A justificativa para a implantação de projetos educacionais do governo Vargas tinha como pressuposto a utilização de conceitos escolanovistas, levando em consideração apenas a gnosiologia e, desconsiderando, totalmente, a ontologia inerente a essa concepção. Isso implicava na construção de uma espécie de ecletismo que justificava as ações políticas adotadas na educação. Em outras palavras, utilizava-se os pressupostos escolanovistas, desconsiderando a visão de mundo e projeto de sociedade que defendia.

Nenhum governo ou facção política se assume enquanto autoritário. As ações violentas do Estado são justificadas como caminho único para a

liberdade e felicidade. A história da humanidade está repleta de eventos históricos de assassinatos em nome de Deus e da paz, sendo as Cruzadas e as duas Grandes Guerras Mundiais tristes exemplos dessa afirmação.

Lembre-se que **Regulador Gesteira** é o remédio usado por mulheres nos mais adeantados e mais importantes paizes do mundo !

Trate-se
Use **Regulador Gesteira**

Ministro Capanema

Não pretendo ofuscar ou empa-
ldecer as qualidades de adminis-
trador e a capacidade de traba-
lho do antecessor do ministro Ca-
panema, sr. dr. Washington Pires,
na pasta da Educação e Saúde Pu-
blica. Entanto, julgo do meu de-
ver consignar nestas linhas o pa-
pel saliente que tem desempenha-
do o dr. Gustavo Capanema á
frente do ministerio, em boa oca-
sião, confiado ao mesmo. A êle,
talvez, pela sua dilatada visão pa-
triotica e instrutiva coube a tare-
fa avançada e grandiosa de man-
dar coleccionar, confeccionar e pu-
blicar os "Autos de Devassa da
Inconfidencia Mineira", obra por-
tentosa e ilustrativa que interessa
de perto a varios Estados brasi-

Os "Autos de Devassa" é, não
ha duvida, um trabalho paciente
e destemido. A sua organização
foi confiada ao sr. Rodolfo Gar-
cia, diretor da Biblioteca Nacio-
nal que, em cada volume, dá, á
guisa de prefacio, uma Explicação
critérioriosa e escoreita, do desen-
volvimento das varias fases do
Processo Inconfidencial.

Bastaria pois, só pelo valor dessa
iniciativa, a demonstração do cari-
nho e amor do ministro Capane-
ma para com a nossa Patria. Mas
não fica aí só o seu merito e es-
forços pelo que nos interessa a to-
dos : o ministro, de alguns me-
ses a esta parte, tem-se dedicado
com afinco aos estudos de refor-
mas e planos sobre a Lepra e ou-
tras medidas profilaticas ácerca

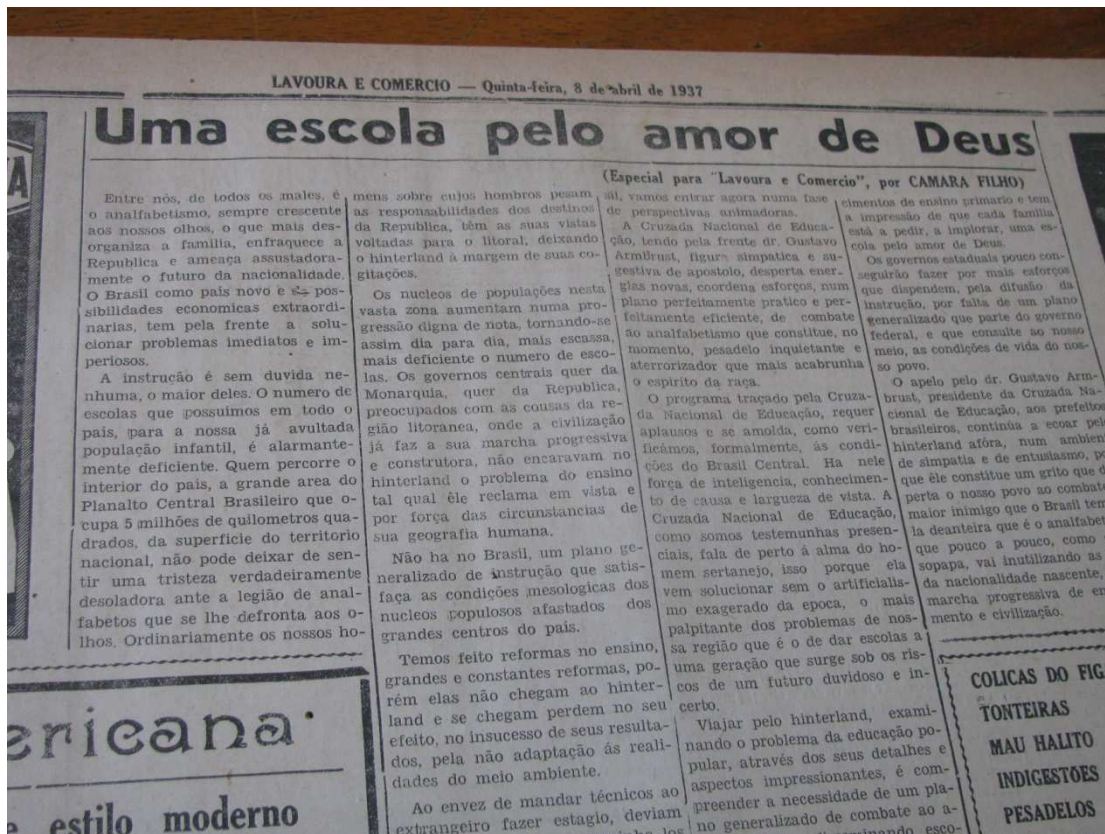
A DA

MATERIA INDISP
BELECIMENTOS
FERIAS OU LEN
MINGTON DE U
RECOMENDAM
SEXOS, O EST
DIRIGIDA PEL
ABERTA. AU
AVENIDA JO

A POPUL

Na ultima
to de Estat
o calculo d
ra feito pe
dezembro
gundo esse
tinha na
habitantes
Alagoas,
443.904;
1.674.554;

Fonte: Jornal Lavoura e Comércio 17/06/1937



Fonte: Jornal Lavoura e Comércio 08/04/1937



Fonte: Jornal Lavoura e Comércio 28/06/1937

4.4 – Jornal “Correio Cathólico”

O jornal "Correio Cathólico" produziu um conjunto de notícias sobre a educação na região e no Brasil. Sua concepção educacional se diferencia das anteriormente apresentadas. Basicamente, seus pressupostos educacionais se baseavam em dois pilares fundamentais: a crítica radical ao comunismo e ao liberalismo e a construção de um projeto educacional católico voltado para a articulação entre o ensino e a fé.

Com referência à crítica ao projeto educacional comunista, os católicos demonstravam ter leitura sobre as propostas educacionais existentes na Rússia. É assim que ressaltavam as experiências de professoras com crianças de 9 anos demonstrando sua dimensão antirreligiosa. Afirmavam que o ensino deveria se constituir na arma mais eficiente e possante do desenvolvimento de uma ideologia operária ateia.

Esses foram pressupostos utilizados para desenvolverem uma série de críticas a Pistrak, demonstrando como o mesmo violentou a infância impondo às crianças disciplinas altamente políticas e revolucionárias. Entendiam que nos programas oficiais escolares russos pregava-se o ódio a Deus e da idolatria fanática e o culto falso e desvairado a Marx, Engels e Lenin.

Na realidade, os pressupostos educacionais Pistrakianos em muito se diferenciavam do pressuposto “demonizado” apresentado pela Igreja Católica através do jornal. A crítica ao capitalismo implicava na defesa da escola como o instrumento principal para a formação de uma consciência de classe dos trabalhadores para o futuro assentada na importância e na revolução como um caminho sem volta.³⁷

Nas diferentes e complexas dimensões entre o passado e o presente, a educação seria central no processo de transição, uma vez que entre a escola revolucionária e escola antiga havia apenas uma continuidade dialética e revolucionária. “A escola refletiu sempre o seu tempo e não podia deixar de refleti-lo; sempre esteve a serviço das necessidades de um regime social

³⁷ “É preciso que a nova geração compreenda qual a natureza da luta travada pela humanidade, qual o espaço da classe explorada e qual o espaço que deve ser ocupado por cada adolescente, e que cada um saiba em seus respectivos espaços travar a luta pela destruição das formas inúteis, substituindo por um novo edifício.” (Pistrak, 2000: 31)